



FILOSOFIA – Capítulo 13

Existencialismo: Heidegger e Sartre

A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL	02
MARTIN HEIDEGGER	03
EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO	11
EXERCÍCIOS PROPOSTOS	11
SEÇÃO ENEM	12

Existencialismo: Heidegger e Sartre

A corrente filosófica que mais chamou a atenção após a Segunda Guerra Mundial foi o existencialismo, que tem suas raízes no pensamento de importantes filósofos do século XIX, como Kierkegaard¹ e Nietzsche.

Nos anos de 1940 e 1950, o existencialismo surgiu como uma resposta às tragédias vivenciadas pela Europa durante a 2ª Guerra, consistindo em uma corrente filosófica que ultrapassou as grades das universidades, influenciando o jornalismo, as conversas e as produções dos intelectuais, a poesia, os romances, o teatro, as produções cinematográficas e as demais manifestações culturais daquela época.

1 Soren Kierkegaard (1813-1855) é considerado, em geral, o fundador do existencialismo. A composição de seus escritos se deu em uma época na qual predominavam as ideias de Hegel, recém-falecido, o qual, segundo Kierkegaard, explicava tudo em termos de enormes ondas de ideias nas quais as coisas reais, as entidades individuais, não eram nem sequer mencionadas, apesar do fato de só existirem coisas individuais. Para Kierkegaard, as abstrações, as generalizações, igualmente não existem: elas são auxílios que os homens inventam para si mesmos a fim de poderem pensar e fazer conexões. Se quiserem entender o que de fato existe, os homens têm de encontrar um modo de se chegar a um acordo com as entidades exclusivamente individuais, porque elas são tudo o que existe. Isso vale especialmente para os seres humanos. Hegel via o indivíduo realizando-se apenas quando absorvido na entidade maior e mais abstrata do Estado orgânico, quando, de fato, para Kierkegaard, o próprio indivíduo é a entidade moral suprema e, portanto, os aspectos pessoais, subjetivos, da vida humana é que são os mais importantes. Devido ao valor transcendente das considerações morais, a atividade humana mais importante é a tomada de decisão: é por meio das opções feitas pelos homens que se constrói a vida humana e os homens se tornam eles mesmos. Kierkegaard acreditava que tudo isso tinha implicações religiosas, sendo que, pela tradição central do protestantismo cristão, o que importava mais que tudo era a relação da alma individual com Deus.

MAGEE, Bryan. História da Filosofia. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2001. p. 208-209.

Contrária ao positivismo e à sua crença de que todas as coisas poderiam ser apreendidas pelas experiências, a corrente existencialista considerava que não existiam determinações naturais ou de qualquer outra espécie que fizessem o homem seguir este ou aquele caminho, tampouco havendo uma essência predeterminada que direcionasse a vida humana a um destino imutável. Segundo o existencialismo, o homem necessitava de, devido à sua estrutura mental, atribuir sentido lógico ao mundo e a si mesmo, sendo que tal sentido não era previamente determinado por nada.



Niels Christian Kierkegaard

Kierkegaard é considerado o fundador do existencialismo.

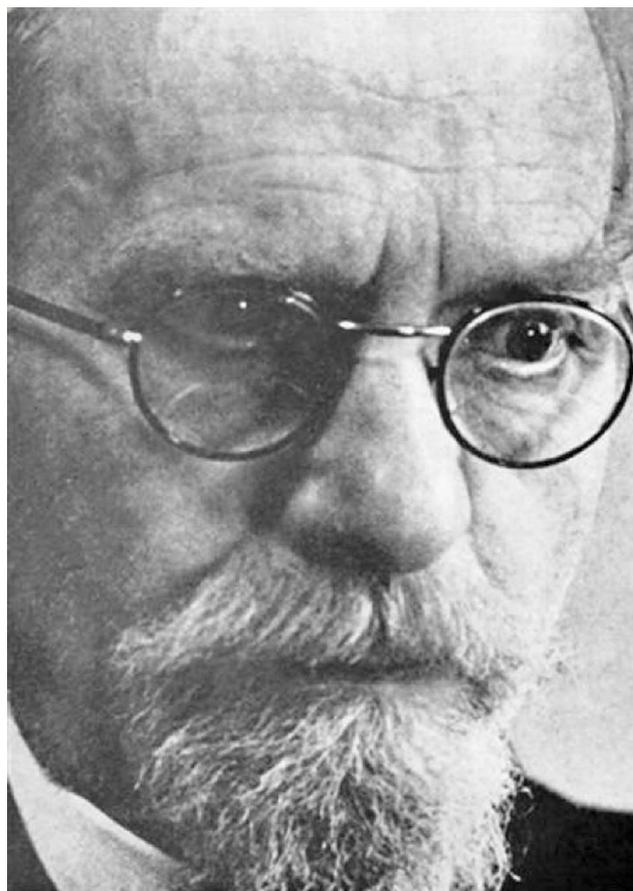
Assim, o centro das reflexões do existencialismo foi a existência humana, o homem concreto, que vivenciava problemas e se encontrava em uma realidade caótica, a qual ele deveria ordenar para si mesmo de acordo com suas escolhas. Diante das inúmeras possibilidades de ser e de criar sentido, o homem deparou-se, frequentemente, com a finitude, sendo a morte um elemento importante da condição humana, já que, mesmo finito, o homem deveria buscar um sentido autêntico para sua existência, que está além dele mesmo, encontrando-se no mundo e em suas inúmeras possibilidades, as quais se defrontam o tempo todo com a finitude e com a possibilidade de erro humano.

Para o existencialismo, o homem não deveria se fiar em uma esperança futura, em uma vida após a morte, como o objetivo e sentido de sua vida, devendo buscar, no cotidiano, o sentido e a realização de sua existência. Os filósofos existencialistas negam a crença de que o sofrimento possa levar a uma realidade transcendente melhor e que, por isso, o homem deveria assumir uma postura de passividade diante do mundo e de si mesmo. Ao contrário, para o existencialismo, o homem deveria buscar, com suas próprias forças, transpor os obstáculos que se colocam à sua realização e construir sua vida a partir de sua própria consciência, empenhando-se para superar suas limitações, sem ilusões e superstições, construindo a si mesmo e buscando a felicidade na vida concreta.

Uma das origens do existencialismo encontra-se na fenomenologia, movimento filosófico elaborado por Edmund Husserl.

A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Edmundo Husserl nasceu em 1859, na região da Morávia, localizada atualmente na parte oriental da República Tcheca. Estudou Matemática em Berlim e, depois, na Universidade de Viena, dedicou-se ao estudo da Filosofia juntamente ao filósofo alemão Franz Brentano. Atuou como livre-docente em Halles e, em 1916, lecionou em Freiburg, onde trabalhou como reitor até 1928, quando foi licenciado pelo regime nazista devido à sua origem judaica. Husserl faleceu em 1938, tendo deixado diversas obras importantes para a Filosofia, como *Investigações lógicas* (1900), *A Filosofia como ciência rigorosa* (1910), *Idéias diretrizes para uma fenomenologia* (1913), *Lógica formal e lógica transcendental* (1929), *Meditações cartesianas* (1931), *Fenomenologia transcendental e a crise das ciências européias* (1954, obra póstuma).



Edmundo Husserl, fundador da fenomenologia, corrente filosófica que defendia que o homem conhece do objeto somente aquilo que representa em sua mente.

Acompanhando o pensamento de René Descartes, Husserl afirmava que a representação do mundo na mente (consciência humana) era inquestionável e consistia na origem de qualquer conhecimento. Assim, a investigação acerca do mundo e das coisas materiais não ocorria na coisa em si mesma, mas na sua representação na mente humana, no fenômeno dessa coisa. O homem não deveria buscar o objeto em si, uma vez que ele não poderia ser alcançado e nem sequer poderia ser provada a sua existência, pelo contrário, para conhecer o mundo, o sujeito deveria se prender unicamente na consciência do objeto representado em sua mente. Nesse sentido, Husserl afirmava que o homem deveria abandonar as perguntas sobre o mundo em si mesmo, porque ele não era acessível, devendo se preocupar com a representação do mundo em sua mente, já que não havia dúvidas quanto à existência dessa representação, a qual estava diretamente aberta à investigação humana.

A fenomenologia pertenceu a uma corrente conhecida como filosofia da consciência ou filosofia da subjetividade, sendo que sua preocupação não era fundamentar o conhecimento científico, mas, sim, pensar a consciência reflexiva do homem sobre o mundo. Logo, de acordo com essa corrente filosófica, não haveria mais problemas para escolher entre o realismo (o ser tem uma realidade em si que deve ser apreendida pelo homem para o conhecimento do mundo) e o idealismo (o homem é quem determina a ideia do ser), uma vez que o conhecimento consistia em nada mais do que uma representação do mundo na mente do homem, ou seja, toda consciência é entendida como consciência de alguma coisa, a qual o homem traz à mente de acordo com sua intenção dirigida a um determinado objeto do mundo.

O método fenomenológico

O método fenomenológico baseia-se na observação e na descrição do fenômeno, fundamentando-se na observação e na descrição daquilo que aparece à consciência na mente humana. Constitui-se como uma investigação sistemática da consciência e de seus objetos, os quais se definem precisamente na relação que mantêm com os estados mentais, não havendo distinção possível entre aquilo que é percebido e a percepção humana. A experiência inclui, assim, não só a percepção sensorial, mas todo objeto do pensamento.

Fenomenologia:

1. Termo criado no séc. XVIII pelo filósofo J.H. Lambert (1728-1777), designando o estudo puramente descritivo do fenômeno tal qual este se apresenta à nossa experiência.

[...]

3. Corrente filosófica fundada por Husserl, visando estabelecer um método de fundamentação da Ciência e de constituição da Filosofia como ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como uma "volta às coisas mesmas", isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência que se dá como seu objeto intencional. O conceito de intencionalidade ocupa um lugar central na fenomenologia, definindo a própria consciência como intencional, como voltada para o mundo: "toda consciência e consciência de alguma coisa" (Husserl). Dessa forma, a fenomenologia pretende ao mesmo tempo combater o empirismo e o psicologismo e superar a oposição tradicional entre realismo e idealismo. Fenomenologia pode ser considerada uma das principais correntes filosóficas deste século (XX), sobretudo na Alemanha e na França, tendo influenciado fortemente o pensamento de Heidegger e o existencialismo de Sartre, e dando origem a importantes desdobramentos na obra de autores como Merleau-Ponty e Ricoeur.

Fenomenologia. In: JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

O método fenomenológico de Husserl serviu como uma das mais importantes bases para o existencialismo, uma vez que essa corrente filosófica se deteve não no mundo em si mesmo ou na crença de que existiriam essências anteriores ao homem e à sua consciência, mas, sim, na ideia de que era possível fazer uma análise fenomenológica do mundo moral, da vida social e de outros aspectos da vida e das experiências humanas sem que, para isso, fosse necessário prender o pensamento em algo preestabelecido ou com uma existência independente do homem. Nesse aspecto, encontra-se a ideia mais importante do existencialismo sartreano, a qual afirma que a existência precede a essência, ou seja, que o homem constrói, a partir de seu pensamento, a essência para a sua vida de acordo com as representações de sua existência.

No campo do existencialismo, dois filósofos merecem destaque: Heidegger, um dos mais importantes filósofos do existencialismo, e Sartre, considerado o mais representativo pensador existencialista.

MARTIN HEIDEGGER

Heidegger nasceu em 1889, em Baden, Alemanha. Com a intenção de se tornar um religioso da ordem dos Jesuítas, estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Freiburg, onde foi aluno do renomado Husserl, a quem sucedeu no cargo de reitor dessa mesma universidade. Sua eleição à reitoria deu-se pelo fato de ter aderido ao Partido Nazista. Uma vez participante do nazismo, entretanto, Heidegger buscou apagar seu passado de ligação com Husserl, que era judeu. Com a derrota dos alemães na 2ª Guerra Mundial, Heidegger teve sua reputação manchada e foi proibido de ensinar durante seis anos como pena por seu passado.

Sua obra mais importante é *Ser e tempo*, publicada em 1927 e reconhecidamente um dos pilares do existencialismo. Além dessa obra, publicou, dentre outras, *Kant e o problema da metafísica* (1929), *A doutrina de Platão sobre a verdade* (1942) e *Introdução à metafísica* (1953). Heidegger morreu em 1976.



Martin Heidegger, um dos mais importantes filósofos alemães, defendia que o homem é um ser presente no mundo, mas que não pode se comportar simplesmente como um objeto.

O homem como *dasein*

Em sua principal obra, *Ser e tempo*, Heidegger preocupou-se com a elaboração do problema acerca da busca do sentido do ser, o que significava ir além da simples pergunta: “o que é o ser?”. O filósofo desenvolveu uma teoria analítica existencial quando se propôs a pensar no homem que busca investigar o sentido do ser, cujo referente é a linguagem. Embora aparentemente complicada, a ideia de Heidegger pode ser traduzida de forma mais simples na seguinte proposição: antes de buscar compreender o sentido do mundo e das coisas, o homem deve se preocupar em conhecer o sentido dele mesmo, do homem que busca o conhecimento. Para Heidegger, “elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente – o que questiona em seu ser”². Por isso, a proposição do sentido do ser volta-se para o homem, uma vez que é ele quem procura tal sentido e deve, antes de mais nada, refletir sobre si mesmo, conduta que lhe é própria e que o diferencia dos outros entes.

Heidegger diferencia o ser dos entes (do latim *ens*, significa ser) para diferenciar o homem dos demais entes, já que o homem é o único que se coloca a pergunta sobre o sentido do ser. Colocar-se a perguntar sobre esse sentido é um modo de ser do homem, uma conduta que o diferencia dos demais entes. “O perguntar mesmo tem, enquanto conduta de um ente, daquele que pergunta, um peculiar caráter de ser”³.

Buscando responder o que é o homem, qual o sentido do ser que procura respostas sobre o mundo, Heidegger afirmou que o homem era um *dasein*, neologismo criado na língua alemã que significa ser-aí (traduzido também como presença ou pre-sença). Ao usar esse termo, o filósofo quer dizer que o homem é um ser que está no mundo e em relação íntima com ele. O homem, assim, embora não tenha escolhido estar no mundo, nem tenha optado pelo espaço e tempo em que se encontra, encontra-se sempre em determinada situação dentro desse mundo, tendo sido lançado nele em um projeto existencial. Esse projeto refere-se à tentativa humana de encontrar, indo além da busca pelo sentido do ser, o sentido de sua própria existência, que, para Heidegger, não estava previamente determinada.

2 HEIDEGGER. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33.

3 HEIDEGGER. *El ser y el tiempo*. Tradução de José Gaos. México: FCE, 1971. p. 15 (Tradução nossa).

Para Heidegger, o homem não é uma simples presença no mundo, um simples objeto, como são os seres inanimados, mas ele é, mais do que ser, o ente para o qual as coisas são presentes, uma vez que, por não possuírem consciência, essas coisas não podem ser presentes para si mesmas, mas podem ser para o homem, que é o único capaz de refletir sobre a existência de tais coisas. O homem é, assim, existência, sendo que sua própria natureza, sua essência, consiste em sua existência. A essência da existência, por sua vez, é a possibilidade do homem de definir-se, de construir-se, de fazer-se da maneira que lhe aprouver, dependendo única e exclusivamente de si mesmo para fazer da sua existência o que achar melhor, podendo perder-se ou conquistar-se, ter uma vida autêntica ou uma vida inautêntica, de acordo apenas com suas escolhas.

Os existencialistas, tanto Heidegger quanto Sartre, consideram o homem um ser livre para fazer de si o que quiser, pois, ao contrário dos outros seres, ele é consciente, é capaz de refletir sobre sua existência, e tal consciência converte-se em total liberdade. Mesmo tendo nascido sem um sentido predefinido, sendo um ser-aí colocado no mundo em determinada situação com tempo, local, família e convivência não escolhidos por ele, o homem é um ser de possibilidades, podendo se definir de acordo com as suas escolhas.

O ser-no-mundo

Segundo Heidegger, o homem, enquanto ser-aí, estando no mundo, não é um objeto e, sim, possibilidade, encontrando-se, dessa forma, diante da necessidade de alcançar o que o filósofo chama de transcendência existencial: não basta existir, é necessário transcender a existência, ultrapassá-la, projetando-se e indo além do que está posto para se construir enquanto ser.

Nesse sentido, a existência é poder-ser, é possibilidade de ser. O homem possui a necessidade de se projetar, e, nesse aspecto, o mundo apresenta-se como uma ferramenta para que ele alcance seu objetivo, projetando-se e construindo-se no próprio mundo. Por essa razão, Heidegger afirmava que o homem é um ser-no-mundo, pois é diante do mundo e por meio dele que o homem precisa se construir. O mundo é, assim, uma construção humana: construindo-o e modificando-o, o homem constrói e modifica a si mesmo.

O termo estar-no-mundo, muito utilizado por Heidegger, significa que o homem deve ser transcendência, utilizando esse mundo como ferramenta para as suas ações e comportamentos. Essa transcendência é, em si, liberdade, uma vez que o homem, de posse das ferramentas oferecidas pelo mundo, pode se construir da maneira que quiser. No entanto, ao mesmo tempo que se apresenta como ferramenta para a construção do homem, o mundo é limitado, já que possui certas restrições e necessidades que ultrapassam o querer humano.

O ser-com-os-outros

Segundo Heidegger, o homem se constrói e se define na liberdade, utilizando o mundo como ferramenta, no entanto, nesse mundo, existem outros homens que também se encontram na mesma situação de plena liberdade e que não podem ser desprezados ou desconsiderados. Não há, portanto, um sujeito sem mundo e muito menos um "eu" isolado no mundo sem os outros sujeitos. O mundo é, assim, um conjunto de "eus" que se relacionam de alguma forma, pois todos participam do mesmo mundo. Por esse motivo, assim como é impossível viver no mundo sem as coisas que o compõem, é impossível viver nele sem existir o cuidado dos homens uns com os outros, o que Heidegger chamava de "cuidar dos outros", sendo essa a base da vida em sociedade. Nessa relação com os outros, o homem possui duas possibilidades:

"Estar junto" ou vida inautêntica: quando o outro é submetido a uma vida que não foi escolhida por ele, e, com isso, há o estabelecimento de uma relação de submissão.

"Coexistir" ou vida autêntica: quando uns ajudam aos outros a conquistarem a liberdade de assumir o cuidado sobre si mesmo.

O ser-para-a-morte

Para Heidegger, o ser-aí possui duas condições: ele é e ele tem de ser. Isso significa que, ao mesmo tempo que está inserido no mundo, o homem precisa se transcender, devendo sair da condição de objeto e encontrar um sentido para a sua existência, projetando-se ao futuro com fins a um objetivo.

De acordo com as escolhas feitas, a vida humana pode ser inautêntica ou autêntica.

Vida inautêntica: É a vida em que o sujeito se prende às coisas em si mesmas, sem considerá-las como instrumentos que o levarão a um projeto maior, sendo esta uma existência anônima. A essa

vida Heidegger chama de dejeção, que é a queda do homem no plano das coisas do mundo. A existência humana torna-se vazia e sem sentido, e o homem fica, a cada dia, mais preso às coisas, buscando nelas algo que o satisfaça, o que é impossível. Em vez de ser utilizado como instrumento, o mundo é visto com fim em si mesmo.

Segundo Heidegger, há, no entanto, a voz da consciência, que chama o homem do simples apego aos fatos e às coisas para um sentido autêntico da vida, à busca não do ser em si, mas do sentido do ser, ao sentido de existir.

Vida autêntica: A vida autêntica só é possível quando o homem aceita a ideia de que ele é um ser-para-a-morte, ou seja, que a morte é a maior de todas as possibilidades e que ela certamente se concretizará. Para Heidegger, a morte é a possibilidade de que todas as outras possibilidades tornem-se impossíveis. Portanto, a consciência remete ao homem o sentido da morte e revela que todos os planos são nulos, ou seja, todo projeto deve trazer em si a consciência de que tudo pode acabar de forma inesperada com a morte. Se, por um lado, essa ideia poderia levar o homem à desesperança, por outro, a consciência da finitude é o que impede o homem de fixar-se em uma situação fática, mostrando-lhe a nulidade do projeto e a historicidade da sua existência, a qual é passageira. Assim, a autenticidade da vida está no reconhecimento de que qualquer projeto é em vão, pois tudo irá acabar com a morte – a impossibilidade da possibilidade.

[...] A cura é ser-para-a-morte. A de-cisão antecipadora foi determinada como ser próprio para a possibilidade característica da absoluta impossibilidade da pre-sença. Nesse ser-para-o-fim, a pre-sença existe, total e propriamente, como o ente que pode ser "lançado na morte". Ela não possui um fim em que ela simplesmente cessaria. Ela existe finitamente.

HEIDEGGER, Martin. *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa: Veja, 1995. p. 124.

A angústia

A vida autêntica é, para Heidegger, o viver-para-a-morte, o modo de vida consciente de que tudo terá um fim, antecipando a ideia da morte e impedindo o homem de estar simplesmente preso aos fatos e às circunstâncias. Tal antecipação da morte leva o homem ao sentimento de angústia, que o coloca diante do nada, da ausência de sentido da existência e dos projetos humanos.

Segundo Heidegger, existir de forma autêntica só é possível àquele que tem a coragem de encarar a possibilidade da morte e sentir a angústia do ser-para-a-morte, aceitando a própria finitude e não se iludindo ao pensar que a vida presa às coisas e aos fatos traria sentido para a existência humana.

O homem da vida inautêntica, por sua vez, teme a angústia, desviando o pensamento da finitude e se iludindo com as coisas do mundo, acreditando que elas podem trazer sentido à sua existência, inebriando-se com o agora.

Para Heidegger, a angústia é aquilo que

[...] abre, de maneira originária e direta, o mundo como mundo. Não é primeiro a reflexão que abstrai do ente intramundano para então só pensar o mundo e, em consequência, surgir a angústia nesse confronto. Ao contrário, enquanto modo de disposição, é a angústia que pela primeira vez abre o mundo como mundo. Isso, porém não significa que, na angústia se conceba a mundanidade do mundo. A angústia não é somente angústia com... mas é também angustiar-se por [...] o por que a angústia se angustia não é um modo determinado de ser e uma possibilidade da pré-sença. A própria ameaça é indeterminada [...] A angústia se angustia pelo próprio ser-no-mundo.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002. p. 252.

Para Heidegger, o medo é diferente da angústia. Na vida inautêntica, tem-se o medo diante da morte, atitude esta que nega o fim, iludindo-se cegamente com os fatos. Já a angústia é uma atitude da vida autêntica, que assume a morte como possibilidade, aceitando-a como o fim inevitável, mas nem por isso prendendo-se às coisas e aos fatos do mundo como se pudessem trazer sentido à vida.

Sartre

Jean-Paul Sartre, considerado por muitos como o mais representativo de todos os pensadores existencialistas, nasceu em Paris, em 1905. Estudou na Escola Normal Superior de Paris e foi professor de Filosofia nos liceus de Le Havre e de Paris. Convocado para a Segunda Guerra Mundial, foi preso pelo Exército alemão e levado à Alemanha. Ao retornar para a França, fundou, juntamente com Merleau-Ponty, o grupo de resistência intelectual denominado "Socialismo e Liberdade".

O pensamento de Sartre ultrapassou os limites da França e se espalhou pelo mundo nas décadas de 1940 e 1950, influenciando consideravelmente a política, os movimentos sociais, as mentes dos intelectuais e a arte. Sartre viajou por todo o mundo, tendo sido recebido por políticos e ativistas famosos, como Che Guevara, em Cuba, e Khrushchev, na Rússia.



Sartre e sua esposa Simone de Beauvoir em visita a Che Guevara em Cuba.

Publicou inúmeras obras em diversos campos, como na Filosofia e na Literatura, tendo escrito romances, ensaios, dramaturgia, roteiros cinematográficos, além de proferir conferências em diversas partes do mundo. Sartre faleceu em 1980. Suas obras podem ser divididas em:

Romances: *A náusea* (1938); *A idade da razão* (1945); *O adiamento* (1945); *A morte da alma* (1949).

Teatros: *As moscas* (1943); *A portas fechadas* (1945); *A prostituta respeitosa* (1946); *Mãos sujas* (1948); *O diabo e o bom Deus* (1951); *Nekrassov* (1956); *Os seqüestradores de Altona* (1960).

Panfletos políticos: *O anti-semitismo* (1946); *Os comunistas e a paz* (1952).

Filosofia: *O ser e o nada*: ensaio de uma ontologia fenomenológica (1943) (sua obra mais importante); *A transcendência do ego* (1936); *A imaginação* (1936); *Ensaio de uma teoria das emoções* (1939); *O imaginário, Psicologia fenomenológica da imaginação* (1940).

Ensaios: *O existencialismo é um humanismo* (1946); *Crítica da razão dialética* (1960).

O “em-si”

Uma das ideias mais importantes de Sartre era a de que não havia qualquer espécie de determinismo em relação à realidade humana, sendo que o homem era totalmente livre e nada poderia tirá-lo dessa condição de liberdade.

Nesse sentido, não havia, para o filósofo, uma natureza humana predefinida ou anterior ao homem que o determinasse. Ao contrário dos animais, que nascem com uma determinação natural representada por seus instintos, o homem seria livre de qualquer determinação prévia e faria a si mesmo, a partir da liberdade que possuiria dentro de certo contexto, o que Sartre chamava de "liberdade situada". O filósofo defendeu essa ideia ao afirmar que a existência precedia a essência.

O existencialismo ateu, que eu represento [...], declara que, se Deus não existe, há ao menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito e que esse ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa aqui que a existência precede a essência? Isso significa que, primeiramente, existe o homem, ele se deixa encontrar, surge no mundo, e que ele só se define depois. O homem, tal como o concebe o existencialista, não é definível porque, inicialmente, ele nada é. Ele só será depois, e ele será tal como ele se fizer. Assim, não existe natureza humana, já que não há Deus para concebê-la. O homem é apenas não somente tal como ele se concebe, mas tal como ele se quer, e como ele se concebe após existir, como ele se quer depois dessa vontade de existir – o homem é apenas aquilo que ele faz de si mesmo. Tal é o primeiro princípio do existencialismo.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte e Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 24.

Sartre defende que a consciência humana é sempre consciência de alguma coisa que está inserida no mundo e que, diferentemente dos homens, nenhum objeto tem a consciência em si mesmo. Para se referir a esses objetos, Sartre usa o termo "em-si", que representa o mundo das coisas materiais e dos seres que não passam daquilo que eles aparentam ser, idênticos a si mesmos, esgotando-se naquilo que são, sem que possam ser nada além disso. Trata-se do simples ser-no-mundo, desprovido por completo de atividade reflexiva, sendo esta exclusividade do ser humano, capaz de ter consciência das coisas e de si mesmo. Dessa forma, a negação e a afirmação não se apresentam para o "em-si", já que ambas são frutos da consciência e têm como pressuposto a presença do pensamento.

O ser não é relação a si, ele é ele mesmo. É uma imanência que não se pode realizar, uma afirmação que não se afirma, uma atividade que não pode agir, porque é empastado de si mesmo.

BORNHEIM, Gerd. A. *Sartre*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 34.

O "para-si"

Sartre diferenciava o ser "em-si" e o ser "para-si", dizendo que o primeiro era o "ser do fenômeno", a coisa em si mesma, o objeto sem consciência que simplesmente está no mundo, enquanto o segundo, por oposição, era o "ser da consciência".

O "em-si" é incriado e atemporal, o "para-si" autocria-se continuamente no tempo. Enquanto que o primeiro é sempre idêntico a si próprio, o segundo "não pode coincidir consigo"

MORAIVA, João da. *O que é existencialismo*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 38.

O "para-si", dessa forma, é a consciência do homem, a qual, por sua vez, está no mundo e no "ser-em-si". Essa consciência, no entanto, é radicalmente diferente do mundo, não sendo dependente dele. A consciência, que consiste na própria existência do homem, é absolutamente livre e, sendo pura liberdade, o homem ou a consciência, entendidos como uma mesma coisa, ao contrário do "ser-em-si", que está pronto e completo, é incompleta, podendo se constituir naquilo que quiser. Para Sartre, a "liberdade não é um ser, ela é o ser do homem, isto é, o seu nada de ser."⁴

A náusea

Segundo Sartre, uma vez lançado no mundo de forma contingente, gratuita e desprovida de sentido, o homem experimenta a náusea, que consiste na constatação do absurdo da existência do homem, o qual não tem, em sua natureza, qualquer necessidade de existir ou qualquer sentido de vida. O homem existe absurdamente como um ser-aí, um ser-no-mundo, que, ao se dar conta de sua existência e, conseqüentemente, de sua falta de sentido, tem, então, o sentimento da náusea, que faz com que seu estômago se revire ao compreender que a existência humana é

⁴ REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. 2. ed. 7 v. São Paulo: Loyola, 2001. Volume VI. p. 228.

simples contingência, não sendo o homem necessário para o mundo: ele existe, mas poderia muito bem não existir, e ainda assim o mundo continuaria a ser do mesmo modo. Para Sartre, a existência do homem é pura gratuidade e absurdo.

Uma vez lançado no mundo, o homem é responsável por todas as suas ações e pelos rumos de sua vida, afinal, uma vez que não há natureza ou essência dada, por exemplo, por Deus, o homem será o que fizer de si mesmo na mais plena liberdade. Nesse sentido, Sartre afirmava que o homem estava condenado a ser livre.

O nada

Sartre traz para o centro de seu pensamento e de sua obra o homem, que é, segundo o filósofo, o único ser "para-si". Toda preocupação de sua filosofia está em pensar o indivíduo concreto a partir de sua existência cotidiana desprovida de qualquer sentido ou relevância especial. A partir dessa condição humana, Sartre elabora o conceito do nada, que se refere à consciência, ou seja, ao próprio homem que não tem em si um sentido ou uma essência *a priori* determinada, mas consiste tão-somente na possibilidade de fazer a si mesmo a partir de sua livre escolha. Uma vez que é livre e que não traz em si nenhuma predefinição, a consciência é o próprio nada. Para o filósofo, é própria da condição humana a falta de sentido e de determinações. No entanto, se, por um lado, essa falta de sentido pode parecer um problema, por outro, é justamente ela que leva o homem a buscar algo que traga sentido à sua vida, e ele faz isso por meio de suas próprias escolhas, uma vez que é plenamente livre.



Sartre e sua parceira Simone de Beauvoir. Mantendo uma relação aberta por cerca de 50 anos, eles formaram o casal-símbolo das esperanças libertárias dos tempos modernos.

A existência precede a essência

"O homem nada mais é do que aquilo que ele faz a si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo."⁵

Essa frase de Sartre resume o princípio fundador do existencialismo. Segundo o filósofo, se a existência precede a essência, primeiro o homem existe e só depois ele define o que será, determinando, na mais absoluta liberdade, a sua essência. Dentre todos os seres, somente o homem é livre, sendo os outros predeterminados pela natureza. Nessa ideia, encontra-se o sentido particular do conceito de existência proposto por Sartre, que afirma que somente o homem existe, enquanto as outras coisas simplesmente são. O filósofo propôs, assim, uma nova forma de ver o mundo, na qual existe a valorização do indivíduo que constrói a si mesmo.

O homem deve criar a sua própria essência; é jogando-se no mundo, lutando, que aos poucos se define [...] a angústia, longe de oferecer obstáculo à ação, é a própria condição dela [...] O homem só pode agir se compreender que conta exclusivamente consigo mesmo, que está sozinho e abandonado no mundo, no meio de responsabilidades infinitas, sem auxílio nem socorro, sem outro objetivo além do que der a si próprio, sem outro destino além de forjar para si mesmo aqui na Terra.

SARTRE, Jean-Paul. Carta de 1º de outubro de 1944, dirigida a Jean Paulhan, para responder "O que é o existencialismo?".

In: *Cadernos de História Memorial RS – Centenário de J.P. Sartre*. Disponível em: < <http://www.memorial.rs.gov.br> >.

Acesso em: 10 jun. 2011.

Uma das ideias mais interessantes do existencialismo sartreano é a de que o próprio homem é quem decide o seu caminho, podendo optar por ser herói ou covarde, sendo, assim, o único responsável por suas decisões, sejam elas boas ou más, dignas ou indignas.

[...] o existencialismo afirma é que o covarde se faz covarde que o herói se faz herói; existe sempre, para o covarde, uma possibilidade de não mais ser covarde, e para o herói, de deixar de o ser.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*.

A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correira Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior.

3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p.14.

⁵ SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correira Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 6.

A corrente existencialista foi amplamente acusada de pessimista, devido à sua suposta visão decadente e precária acerca da existência humana. Porém, indo contra essa visão, Sartre defendia o existencialismo como a mais otimista das visões sobre o homem, já que era a única que lhe possibilitava fazer de sua vida o que quisesse, sem que houvesse desculpas ou predeterminações que pudessem impedir a sua realização. Segundo a corrente existencialista, como não existe nada de antemão realizado no homem, ele é o único responsável por sua felicidade ou infelicidade, construindo sua essência durante a sua existência.

Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva, ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correira Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 9.

Neste sentido, Sartre afirmava que o existencialismo era um humanismo, "humanismo, porque recordamos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele próprio."⁶

Em um primeiro momento, o homem simplesmente existe e, só depois de sua existência, ele se descobre, aparecendo no mundo e definindo-se segundo sua liberdade para escolher.

A liberdade

Para Sartre, uma vez que a existência é anterior à essência, o homem deve então se construir de forma livre de toda e qualquer determinação. Apesar da aparente contradição, Sartre afirmava que a única determinação do homem é ser livre, ou seja, a sua única determinação é não ter determinação, sendo a liberdade o seu fundamento.

O homem, usando sua liberdade, escolhe o que projeta ser. Seus valores são aqueles que ele mesmo cria por livre escolha, sendo que a única coisa que o homem não pode escolher é deixar de ser livre, pois, ainda que ele decida abandonar a sua liberdade, para escolher isso, ele precisa ser livre. Nesse sentido, Sartre afirma que "a escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher."⁷

6 SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correira Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 21.

7 SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correira Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 17.



Javi Velazquez / Creative Commons

Para o existencialismo, o homem é totalmente livre para escolher ser o que quiser, ou seja, o homem é o que ele faz de si mesmo. Porém, todas as consequências de suas escolhas são de sua inteira responsabilidade. A possibilidade do fracasso é inevitável quando se tem plena responsabilidade sobre a própria vida.

Para o filósofo, não há meio termo para se pensar a liberdade: ou ela é absoluta ou ela não existe, sendo o seu fundamento o nada, o indeterminismo absoluto do homem e daquilo que ele fará de si mesmo.

Somos separados das coisas por nada, apenas por nossa liberdade; é ela que faz que haja coisas com toda sua indiferença, sua imprevisibilidade e sua adversidade, e que nós sejamos inelutavelmente separados delas, pois é sobre um fundo de nada que elas aparecem e que se revelam como ligadas umas às outras.

A liberdade é o único fundamento dos valores e nada, absolutamente nada, me justifica ao adotar tal ou tal valor, tal ou tal escala de valores. Enquanto ser pelo qual os valores existem eu sou injustificável. E minha liberdade se angustia de ser o fundamento sem fundamento dos valores.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de P. Perdígão. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 591 e p. 76.

A liberdade, no existencialismo sartreano, é diferente da ideia de liberdade entendida como simples livre-arbítrio ou como a capacidade de escolher coisas de forma descompromissada. Para Sartre, o conceito de liberdade traz consigo a responsabilidade incondicional pela própria vida e pelos erros e insucessos que possam ser decorrentes das escolhas feitas pelo homem. Nesse sentido, no existencialismo de Sartre, o conceito de liberdade refere-se

a uma liberdade responsável, que não pode ser confundida com simples libertinagem, uma vez que a liberdade humana está situada na realidade e, por isso, é condicionada ao contexto histórico e limitada pelas regras da sociedade às quais todos devem se submeter. Por essa razão, a liberdade humana não é infinita. Sartre, em sua obra *O ser e o nada*, afirmou que “[...] eu sou responsável por tudo, salvo por minha própria responsabilidade, porque eu não sou o fundamento de meu ser.”⁸

A submissão do homem à comunidade faz com que seus interesses muitas vezes entrem em conflito com os interesses da sociedade. No entanto, o homem, ao compreender que é totalmente livre, deve compreender que todos os outros homens também o são, sendo assim, ao desejar a sua liberdade, o homem se compromete também com a liberdade dos outros homens, e, assim, ser livre assume um caráter universal. Desse modo, Sartre afirma:

Sem dúvida, a liberdade enquanto definição do homem, não depende de outrem, mas, logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros, não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 199.

A má-fé

Atualmente, entende-se por má-fé as atitudes inescrupulosas tomadas por determinado homem com o intuito de enganar e ludibriar outro homem. No entanto, para Sartre, o conceito de má-fé possuía um sentido diferente, referindo-se às atitudes do homem contra ele mesmo. Para o filósofo, quando o indivíduo mente para si, buscando justificar seus atos por meio de essências, naturezas ou determinações prévias, ele age de má-fé, pois não assume as responsabilidades sobre seus atos e dissimula sua vida ao considerar que suas ações seguem um caminho definido anteriormente às suas escolhas. Para Sartre, um homem que se esconde atrás de desculpas de suas paixões, baseado em um determinismo imaginado, é um sujeito dotado de má-fé, a qual, segundo o filósofo, “[...] é evidentemente uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento”⁹.

Sartre considera a má-fé um pretexto dos homens que, por medo ou ignorância consciente, insistem em se esconder

⁸ SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de P. Perdigoão. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 641.

sob o véu da mentira, afirmando que suas vidas já estão determinadas por um ser superior ou por uma natureza, sem assumir o risco de viver e de tomar decisões, inventando desculpas para si e para as suas ações.

Deus

O existencialismo ateu de Sartre coloca o homem no centro da própria vida como único responsável por sua existência. De acordo com essa teoria, é impossível acreditar em um Deus anterior aos homens, pois, se ele existisse, haveria uma natureza original criada por esse Deus, o que não é admitido pela filosofia de Sartre. Para o filósofo, tornando-se responsável por sua existência e pela consequente construção de sua essência, o homem é também responsável pelos outros homens, “[...] portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira”¹⁰.

Essa responsabilidade leva o homem ao sentimento de angústia, uma vez que, como Deus não existe, tudo é permitido e não existem regras essenciais a serem seguidas. Diante disso, o homem está só, sem o apoio de Deus ou de qualquer outra entidade para legitimar ou apontar as suas escolhas. Por essa razão, o homem está condenado à liberdade, já que não há paradigmas que legitimem as suas escolhas, podendo, por isso, escolher errado, tomando o pior por melhor. Nessa situação, como o único responsável por suas escolhas foi ele mesmo, não há culpados pelo seu fracasso e por seu insucesso, devendo o próprio homem assumir a responsabilidade pelos rumos de sua vida.

É necessário ressaltar que o ateísmo do existencialismo não tem a intenção de provar a inexistência de Deus. Com essa teoria, Sartre está preocupado com a liberdade, buscando defender que o homem é livre de qualquer determinação e que, por isso, ele é o único responsável por si mesmo e pelo mundo. Essa responsabilidade defendida por Sartre foi um dos motivos para que o filósofo se tornasse um intelectual profundamente engajado em movimentos políticos, intelectuais e artísticos de contestação e busca pela liberdade.

⁹ SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 19

¹⁰ SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 7.



Sartre acreditava que os intelectuais deveriam desempenhar um papel ativo na sociedade. Foi um artista militante e apoiou com a sua vida e a sua obra causas políticas de esquerda. Por esses e outros motivos, recusou-se a receber o Prêmio Nobel de Literatura de 1964.

O existencialismo não é tanto um ateísmo no sentido em que se esforçaria por demonstrar que Deus não existe. Ele declara, mais exatamente: mesmo que Deus existisse, nada mudaria, eis nosso ponto de vista. Não que acreditamos que Deus exista, mas pensamos que o problema não é de sua existência, é preciso que o homem se reencontre e se convença de que nada pode salvá-lo dele próprio, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correira Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 22.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. Para a corrente existencialista, oposta à positivista, que acreditava que todas as coisas poderiam ser apreendidas pelas experiências, o homem não é um ser determinado por nada.

REDIJA um texto explicando a contraposição entre positivismo e existencialismo a partir da frase anterior.

02. *O projeto fenomenológico se define como uma "volta às coisas mesmas", isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência que se dá como seu objeto intencional.*

Fenomenologia. In: JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Com base na citação anterior, **REDIJA** um texto explicando as bases do método fenomenológico.

03. O nada, impensado para Parmênides, encontrou em Sartre valor ontológico, pois é o ponto de partida da existência humana, uma vez que não há coisa alguma anterior à existência. Essa tese foi amplamente defendida por esse filósofo, principalmente em sua obra *O ser e o nada*.

REDIJA um texto explicando, de acordo com a filosofia existencialista, o título da obra de Sartre.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. Buscando responder o que é o homem, o sentido do ser que procura respostas sobre o mundo, Heidegger afirma que o homem é um *dasein*, um ser-aí.

De acordo com o trecho anterior e com outros conhecimentos sobre o pensamento de Heidegger, **REDIJA** um texto explicando o sentido do termo *dasein*.

02. *A pre-sença é sempre sua possibilidade. Ela não tem a possibilidade apenas como uma propriedade simplesmente dada. E é porque a pre-sença é sempre essencialmente sua possibilidade que ela pode, em seu ser, isto é, sendo, escolher-se, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se ou só ganhar-se aparentemente.*

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 78.

Para Heidegger, a pre-sença ou o ser-aí é sempre possibilidade, o que significa que o homem tem liberdade, a qual se manifesta em suas decisões, podendo levá-lo a uma vida autêntica ou a uma vida inautêntica.

REDIJA um texto explicando a diferença entre autenticidade e inautenticidade para Heidegger.

03. *O ser em relação aos outros não é apenas uma relação de ser autônomo e irreduzível: enquanto 'ser-com' ele é uma relação que, como o ser do ser-aí, já está aí. É indiscutível que um intenso conhecimento pessoal mútuo, fundado no ser-com, depende freqüentemente de até onde cada ser-aí conhece-se a si mesmo na ocasião; mas isto quer dizer que esse conhecimento depende apenas de até onde o essencial ser-com-os-outros de alguém o tem tornado transparente e não o tem disfarçado. Isso é possível somente se o ser-aí, enquanto sendo-no-mundo, já é com os outros. A "empatia" não é o constitutivo primeiro do ser-com; unicamente enquanto fundada no ser-com a empatia pode tornar-se possível. Ela recebe sua motivação da insociabilidade dos modos dominantes de ser-com.*

HEIDEGGER, Martin. *Todos nós... ninguém*. Um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981. p. 46.

A partir das informações do trecho anterior e de outros conhecimentos sobre o assunto, **REDIJA** um texto explicando por que só é possível ao homem encontrar-se existencialmente se ele se tornar ser-com-os-outros.

- 04.** *O homem é antes de mais nada um projeto que vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor. Nada existe anteriormente a esse projeto; nada há no céu inteligível, e o homem, diz Sartre, será antes de mais nada o que tiver projetado ser. Se no homem a existência precede a essência, ele será aquilo que fizer de sua vida, não havendo nada, além dele mesmo, de sua vontade, que determine o seu destino.*

PENHA, J. *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 45.

REDIJA um texto explicando por que, para o existencialismo, não basta ao homem simplesmente ser.

- 05.** *A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher.*

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 17.

Tendo como base a citação anterior, **REDIJA** um texto explicando a seguinte frase: "Somente a liberdade é determinante".

- 06.** *[...] não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.*

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 9.

REDIJA um texto posicionando-se contra ou a favor da seguinte afirmação: "Estamos sós, sem desculpas."

- 07.** *A má-fé é evidentemente uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento.*

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 19.

De acordo com a citação anterior, **EXPLIQUE** o conceito de má-fé na filosofia sartreana.

- 08.** *Com efeito, tudo é permitido se Deus não existe; fica o homem, por conseguinte, abandonado, já que não encontra em si, nem fora de si, uma possibilidade a que se apegue. Antes de mais nada, não há desculpas para ele.*

Se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza humana dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1978.

De acordo com o trecho e com outros conhecimentos, **REDIJA** um texto explicando por que o homem está abandonado no mundo.

SEÇÃO ENEM

- 01.** Leia com atenção a citação do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre:

[...] o existencialismo afirma é que o covarde se faz covarde, que o herói se faz herói; existe sempre, para o covarde, uma possibilidade de não mais ser covarde, e para o herói, de deixar de o ser.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 14.

De acordo com o texto anterior, o homem é

- A) fruto da sociedade e não pode fugir das limitações naturais dadas por ela, uma vez que é político por natureza.
- B) livre de qualquer determinação, seja de ordem natural ou cultural, pois, apesar de existirem forças contrárias, o homem é capaz de superar tais limites em um movimento de autoconstrução.
- C) relativamente livre, uma vez que existem determinações de ordem natural que impedem que o homem faça o que quiser de si.
- D) absolutamente livre, uma vez que ele é o único responsável pelo que faz de si mesmo, tendo em mente que sua vida é resultado de fatores externos e internos.
- E) totalmente livre na medida em que segue seus instintos, sendo que liberdade é possibilidade de escolha de acordo com a natureza própria e anterior que constitui o que o sujeito é.

GABARITO

Fixação

01. Segundo o positivismo, todas as coisas do mundo podem ser compreendidas por relações de causa e efeito encontradas por meio da experiência. Desse modo, a natureza e a sociedade funcionam a partir de uma lógica determinista, uma vez que, se há causa, sempre haverá um efeito certo. As leis da natureza são, assim, manifestações inteligíveis dessas normas da natureza. O existencialismo, indo em direção contrária a essa tese, defende que nada determina a vida e os comportamentos humanos. Segundo essa corrente, ao nascer plenamente livre, a essência, que para pensadores como Sócrates constitui a parte inata ao homem e a qual determina sua vida, é construída após a existência, não havendo nada previamente estabelecido. Por essa razão, para o existencialismo, o homem é o que ele fizer de si mesmo, sem qualquer determinação anterior às suas escolhas.
02. Desde a Antiguidade Grega até o Período Moderno com pensadores como Descartes e Locke, acreditava-se que seria possível conhecer os seres do mundo de forma real e em si mesmos. Ao contrário dessa posição filosófica, a fenomenologia, corrente filosófica fundada por Husserl, defende que o conhecimento só é possível por meio de um processo intencional do homem que busca no objeto os seus fenômenos. Para a fenomenologia, o conhecimento é somente conhecimento do fenômeno, ou seja, daquilo que o homem percebe do ser, não sendo conhecimento do ser em si mesmo. Por isso o homem não deve buscar o objeto em si, pois esse não pode ser alcançado, nem mesmo é possível provar a sua existência. Para conhecer o mundo, o sujeito deve ater-se unicamente na consciência do objeto que está representado na sua mente. Desse modo, entende-se que a frase "voltar às coisas mesmas" significa voltar a atenção para os fenômenos sem se preocupar em buscar uma realidade dos seres impossível de ser conhecida.
03. De acordo com a filosofia de Sartre, o homem é, ou seja, é ser. Nada existe anteriormente ao homem que possa lhe conferir uma essência prévia e que o determine substancialmente de uma forma ou de outra. Portanto, o ser simplesmente existe, é ser. A ideia de nada refere-se à afirmação de que não existe absolutamente nenhum ser que esteja além do homem, mas tão somente o vazio. Por isso, afirmar o nada é afirmar que só existe o ser e não existe uma essência humana previamente determinada. Porém, após constatar que o homem existe e é ser, esse homem deve sair

da simples existência através da transcendência existencial, que consiste em encontrar um sentido pessoal para sua vida. Cabe ao homem, portanto, construir para si, por sua própria conta, sua essência a partir de suas próprias experiências.

Propostos

01. O termo *dasein*, segundo o pensamento de Heidegger, significa, numa tradução pouco precisa do alemão para o português, ser-aí. Com essa ideia, o filósofo quer chamar a atenção para o fato de que o homem é um ser que simplesmente está lançado no mundo, mantendo uma relação íntima com a realidade na qual se encontra. O homem está sempre em uma situação real e determinada no mundo, e tal situação não foi objeto de sua escolha, pois ele não escolheu o tempo, o lugar, a família, a aparência, ou seja, ele não escolheu nada daquilo que ele é. Assim, o homem é simplesmente um ser-aí que, além de buscar o sentido do ser, ele é um ser que deve responder sobre o sentido dele mesmo, refletindo sobre sua existência.
02. Para Heidegger, a vida inautêntica é aquela em que o sujeito resume sua vida ao apego às coisas em si mesmas, sem utilizá-las como instrumentos que poderiam levá-lo a um projeto maior. A inautenticidade caracteriza uma existência anônima, que o filósofo chama de dejeção, consistindo na queda do homem no plano das coisas do mundo, o que faz de sua existência algo vazio e sem sentido, sendo que, dessa forma, o homem vive cada dia preso às coisas e busca nelas algo que o satisfaça. A vida autêntica, por outro lado, é aquela em que o sujeito compreende que as coisas não podem ser vistas em si mesmas, devendo ser utilizadas como instrumentos que levam o homem além da simples materialidade das coisas. Para Heidegger, a vida autêntica só é possível quando o homem aceita a ideia de que ele é um ser-para-a-morte, sendo que essa consciência da finitude o impede de se fixar nos fatos, mostrando a nulidade do projeto de sua vida, que é em si passageira. A autenticidade da vida consiste, portanto, em reconhecer que qualquer projeto ou plano é em vão, pois tudo vai acabar com a morte, a impossibilidade da possibilidade.
03. O existencialismo considera que os homens devem buscar um sentido pessoal para a sua existência, podendo levar erroneamente a uma concepção pessoal e individualista de existência humana. Contudo, o existencialismo não prescinde, em absoluto, dos outros homens na busca pela essência pessoal a ser construída. Pelo contrário,

a ideia existencialista é a de que os homens são fundamentais para a construção do sentido pessoal da própria existência, uma vez que esse sentido pessoal só pode acontecer a partir da coexistência. Desse modo, a ideia de ser-com-os-outros se torna fundamental para a existência humana, pois, segundo a corrente existencialista, todos os homens vivem juntos e o outro é, em si, causa de possibilidade da realização de cada homem.

04. A premissa principal do existencialismo é a de que cada homem existe e deve, saindo da simples existência, transcender-se existencialmente. Tal transcendência existencial acontece quando o homem é capaz de definir a si próprio, construindo, na autonomia, uma essência que possa trazer um sentido individual à sua vida. Por isso, não basta existir, pois a simples existência é uma característica trivial dos objetos inanimados, como fica claro na citação da questão, que se refere a um creme ou a uma couve-flor. É necessário ao homem ir além dessa simples existência e construir a si próprio pela transcendência.
05. Segundo o existencialismo de Sartre, o homem é absolutamente livre. Isso significa que, independentemente de qualquer condicionamento, o homem permanece livre e por isso é o único responsável por si mesmo. Não há determinismos de ordem natural ou divina que guiem a vida e direcionem as ações humanas, pelo contrário, o homem pode fazer de si o que quiser e escolher. Nesse sentido, apenas uma coisa não pode ser escolhida, ou seja, o homem possui somente uma determinação da qual ele não pode se libertar, que é o fato de ser livre. Assim, justifica-se a famosa frase de Sartre que diz que o homem está condenado a ser livre.
06. A resposta para essa questão é subjetiva. Espera-se que o aluno seja capaz de se posicionar argumentativamente contra ou a favor da ideia proposta. Em questões desse modelo, não existe resposta certa ou errada, mas espera-se que o candidato, posicionando-se de um lado ou de outro, argumente adequadamente sua questão. É muito útil, quando for possível, valer-se de outros filósofos em sua argumentação.
- Estar só e sem desculpas significa afirmar que o homem é o único responsável por si mesmo. Segundo o existencialismo, somos totalmente livres e essa liberdade traz como consequência a responsabilidade por aquilo que somos ou que escolhemos ser. Dessa maneira, por sermos absolutamente livres, não há desculpas para nossos erros e insucessos, pois eles são tão-somente consequências de nossas escolhas.

A favor: Acredito que o homem é o único responsável por si mesmo e, dessa forma, a sua liberdade torna-se, ao mesmo tempo, graça e fardo, pois, se o homem escolhe errado diante das possibilidades da vida, ele será o único responsável por suas escolhas. Por outro lado, se escolhe adequadamente, sua vida será fruto de suas boas escolhas. A racionalidade capacita o homem a pesar e medir o que ele é e o que quer ser, e a liberdade permite a ele transformar sua realidade pessoal e superar suas limitações.

Contra: Não acredito que o homem está só e nem que ele é totalmente livre nas escolhas que faz, já que os condicionantes materiais, sociais, biológicos e culturais influenciam em suas escolhas, determinando, em alguma medida, sua liberdade e, conseqüentemente, aquilo que ele se torna. Apesar de o homem trazer consigo a sua liberdade, esta sempre é condicionada e restrita, pois não há como superar algumas determinações exteriores, o que torna o homem, necessariamente, fruto de seu meio. Portanto, não estamos sós, nem somos totalmente determinados.

07. Para Sartre, o conceito de má-fé refere-se ao homem consigo mesmo, ou seja, é uma atitude em que o sujeito se esconde de si próprio, tentando se enganar diante da vida e da responsabilidade de dar um sentido para sua existência. Sartre afirma que a má-fé é a atitude daquele que mente para si tentando justificar ou fundamentar suas ações ou omissões a partir de essências preestabelecidas que existiram em sua vida. Agindo desse modo, o homem abre mão de sua responsabilidade por si mesmo, e se esconde, dissimulando que seus atos são escolhas próprias, colocando na sociedade, em outro ser ou em Deus as responsabilidades por seu fracasso. O filósofo afirma que a má-fé é a atitude do homem que tem medo da vida e prefere se esconder a assumir sua responsabilidade diante de sua própria existência.
08. Segundo o existencialismo sartreano, não há uma razão para a existência humana, uma espécie de plano, destino ou missão pela qual o homem veio ao mundo e a qual ele precisa cumprir. Dessa maneira, o homem simplesmente existe, sem justificativas ou motivos. Porém, o que aparentemente representaria um problema torna-se a força que conduz o homem à busca de um verdadeiro sentido para sua vida. Estar abandonado, significa, então, não ter qualquer determinação prévia para a vida e, assim, o ser humano será aquilo que fizer de si mesmo.

Seção Enem

01. B.